

Visibilidade canábica: uma análise da circulação de imagens da maconha na internet¹

Lucas Pereira GUEDES²

Cláudia Linhares SANZ³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Este trabalho busca discutir o fenômeno da visibilidade nos meios de comunicação contemporâneos a partir da circulação de imagens da maconha na internet. À guisa da perspectiva genealógica, pretendemos observar não somente as relações que se estabelecem entre o sujeito e os sentidos atribuídos ao uso espetacular da maconha na contemporaneidade, mas também refletir sobre as tensões e rupturas que se entrecruzam a partir destes pontos.

PALAVRAS-CHAVE: visibilidade; maconha; internet; neoliberalismo; performance.

INTRODUÇÃO

Durante os últimos anos, temos nos debruçado sobre uma pesquisa que investiga o fenômeno da visibilidade e suas relações com a sociabilidade nos meios de comunicação contemporâneos dentro de um contexto neoliberal a partir da circulação de imagens da maconha na internet. A tese de doutorado em andamento⁴ que nos propusemos a formular trata, em princípio, das tensões que se estabelecem nesse processo comunicacional entre os diferentes sujeitos que usam cada vez mais as redes sociais não apenas como forma de expressão ou interação, mas que encontram na internet um meio ambiente para a manutenção e a ascensão de um regime de visibilidade que privilegia a imagem de si como uma espécie de condição para existência no mundo. Essa “cultura das aparências”, como sugere Sibilía (2015), atua de forma a valorizar inclinações exibicionistas e performáticas na rede em busca de um

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho ‘Usos Sociais da Mídias, Imagens e Internet’, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPG/FAC/UnB), email: emaildolucasguedes@gmail.com.

³ Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), professora e pesquisadora da Pós-Graduação em Comunicação também da UnB. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com pesquisa no Instituto Max Plank de História da Ciência em Berlim, email: claudialinharessanz@gmail.com.

⁴ Trabalho de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB com previsão de conclusão em 2025.

reconhecimento perante os olhos dos outros, cujo resultado seria o cobiçado troféu de ser visto.

De antemão, ao relacionarmos internet e maconha, questionamos as primeiras hipóteses que poderiam responder à essa abertura dos meios de comunicação a este tema, habituados a uma abordagem que leva em conta aspectos do âmbito da saúde, ao divulgar estudos que comprovam a eficácia da planta no tratamento de patologias; e do campo jurídico, especialmente em relação a crimes como o tráfico de drogas. Tais hipóteses dizem respeito à tramitação de projetos de lei que autorizam o cultivo em solo brasileiro para consumo próprio com viés medicinal, um promissor mercado legalizado com forte potencial econômico e a reprodução de imagens de pessoas que publicam imagens de si fumando maconha nas redes sociais, considerando as contradições que envolvem o uso da maconha no Brasil, considerada, ainda, uma substância ilícita perante a lei.

METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Brighenti (2008), certos fenômenos contemporâneos relacionados à produção de imagens podem ser interpretados não apenas como representações, mas também como sendo específicos do campo da visibilidade, na medida em que correspondem a um campo em que se realiza um trabalho cuidadoso de gestão recíproca do olhar e da atenção aos acontecimentos que separam e colocam em contato o que é observável com o que não é. Neste sentido, ao trabalharmos com narrativas canábicas na internet, nos deparamos com diferentes tipos de concepções de expressão, que podem ser publicações relacionadas aos efeitos da planta na saúde, à necessidade de atualização de leis, aos avanços e retrocessos inerentes à discussão do uso de drogas, aos discursos historicamente proibicionistas e higienistas, à militância em favor da descriminalização e legalização, às opiniões contrárias à sua liberação, à proliferação de imagens de pessoas fumando maconha e às relações de poder engendradas nesse jogo de visibilidade e invisibilidade na internet.

A fim de problematizar a forma como se dão tais narrativas, optamos por uma perspectiva genealógica, a partir da problemática da visibilidade em torno da maconha na internet para pensarmos os atuais sentidos desses processos, compreendendo que “a história é descontínua e que os sentidos são fluidos e constituídos a partir de

atravessamentos, agenciamentos entre máquinas, normas, leis” que, embora se repitam no tempo, são abertos a infinitas e imprevisíveis caminhos e variações (FERRAZ, 2013). Esse gesto nos permite lançar um olhar para as relações que se estabelecem entre o sujeito e os sentidos atribuídos ao uso espetacular da maconha na contemporaneidade, mas também refletir sobre as tensões e rupturas que se entrecruzam a partir destes pontos e como tais tensões são operacionalizadas pelo sujeito a partir da visibilidade nas redes sociais em um contexto neoliberal.

Com base em um *corpus* que abrange cerca de 900 perfis no Instagram, selecionamos, de modo exploratório, aqueles que mais se relacionam com os conceitos de visibilidade na contemporaneidade para tentar compreender como esse fenômeno se tornou central para o funcionamento social, para as dinâmicas e as experiências contemporâneas, a partir dos contrastes envolvendo os sentidos em torno da circulação de textos e imagens na internet. Para além das postagens do Instagram, nos interessam os enunciados presentes em jornais, vídeos de YouTube, playlists no Spotify, memes, reportagens, séries e filmes de TV e plataformas de *streaming* para identificar possíveis elementos que compõem as simetrias e assimetrias entre eles e que tornam essas manifestações visíveis ou invisíveis enquanto parte de um corpo social para mapear os atravessamentos que surgem e se cruzam a partir dessas imagens, no intuito de pensarmos o sentido da visibilidade dentro da temática da maconha hoje.

Quanto ao referencial teórico, a pesquisa recorre aos conceitos centrais de visibilidade relacionados a aspectos como reconhecimento, avaliação, poder, neoliberalismo e capital humano encontrados em autores como Nathalie Heinich (2021) para discutir o capital de visibilidade como algo que pode ser “acumulável, mensurável, transmissível e conversível”; Paula Sibilia (2015), ao abordar autenticidade, auto-exibição e performance; Joel Birman (2013) com a ideia de reconhecimento social como valor essencial de existência; Claudine Haroche e Nicole Aubert (2013), que abordam a injunção à visibilidade também como elemento produtor de novas economias psíquicas; Michel Foucault (2008), ao analisar o capital humano e os dispositivos de poder envolvidos nesse esquema; Pierre Dardot e Christian Laval (2016), na questão da integração e do impulsionamento do ciclo da visibilidade vertida em capital e lógicas empresariais; além de imagens exemplares encontradas na internet e que servem como objetos de análise.

DISCUSSÃO E RESULTADOS PRELIMINARES DA PESQUISA

Em abril de 2024, a banda Planet Hemp, famosa por suas músicas de conteúdo abertamente favoráveis à legalização da maconha, gravou seu mais novo clipe, “Jardineiro”, em uma plantação de cannabis que pertence à Associação de Apoio à Pesquisa e Pacientes de Cannabis Medicinal (APEPI). Rapidamente, o assunto tomou conta das redes sociais e da mídia em geral, tanto pelo seu caráter combativo, como pelas questões estéticas e de visibilidade. O mesmo aconteceu quando o deputado estadual Eduardo Suplicy assumiu publicamente o uso medicinal da planta em suas redes sociais, ativando um estágio de compartilhamento de imagens característico ao regime de visibilidade contemporâneo. Por mais que suas narrativas ganhem um caráter político importante para a legalização da maconha ligado, sobretudo, à luta por direitos humanos, sua imagem de “usuário” foi somada ao movimento atual de visibilidade dentro e fora das redes. Ainda parte desse ciclo, diversos artistas têm declarado não apenas o apoio ao uso da maconha, mas também seu uso, como aponta, por exemplo, essa reportagem da revista Fórum sobre “famosos brasileiros que utilizam medicamentos feitos a partir da maconha⁵”.

Para além do circuito das celebridades culturais e políticas, observamos cada vez mais perfis de pessoas que publicam seu cotidiano nas redes sociais em que incluem o uso social da maconha como parte do cotidiano. Outras, passaram a se apropriar da planta como tema central de suas postagens, fazendo surgir nos últimos anos o que convencionou-se chamar de “influenciadores canábicos”, como é o caso de Natália Noffke, conhecida na cena como Nah Brisa⁶ e considerada a primeira youtuber/blogueira a tratar do tema do Brasil; Livia Oliveira, a Transcanábica⁷, ativista e consultora canábica; Maeconheira⁸, uma mulher negra que mostra seu processo de cultivo de maconha; entre outros que ganham ou não dinheiro com suas práticas de influência.

⁵ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2023/6/2/cannabis-medicinal-famosos-brasileiros-que-utilizam-medicamentos-feitos-partir-da-maconha-137018.html>. Acesso em 23 de abr. de 2024

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/nahbrisa4/?igsh=MTVmM2tsa3A0ZTRmYQ%3D%3D>. Acesso em 23 de abr. de 2024

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/transcanabica/>. Acesso em: Acesso em 23 de abr. de 2024

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/maeconheira/?igsh=MTRjMDBra28xemoxdw%3D%3D>. Acesso em: 23 de abr. de 2024

Ainda que o consumo da maconha seja proibido, o que não impede, obviamente seu uso, tais experiências se diferem, em certa medida, de um passado marcado pelo proibicionismo que resiste até os dias atuais. É o que observamos nos relatos do livro ‘Maconha: coletânea de trabalhos brasileiros’⁹ (1956), considerada uma das bases do movimento proibicionista (SAAD, 2019), que apresenta uma coleção de textos publicados desde 1915 e que mostra como o consumo da maconha era vinculado a um espaço privado ou restrito às rodas de “fumadores”, os chamados Clubes de Diambistas (p. 18) e a práticas espirituais: “É fumada nos quartéis, nas prisões, onde penetra às escondidas; em agrupamentos ocasionais ou em reuniões apropriadas e nos bordéis”.

Assim, passamos a questionar: quando o fato de ser visível passou a ser uma das partes fundamentais da experiência canábica e quais seriam os fatores que criaram as condições para que houvesse um deslocamento da experiência restrita com as drogas para esse momento atual de exposição e visibilidade? Como a maconha, tradicionalmente ligada a rituais religiosos (SAAD, 2019) passou a integrar as dinâmicas sociais vividas e publicadas na internet no atual regime de visibilidade, que convoca o indivíduo a se mostrar cada vez mais nas redes? Embora seja mais latente uma questão de diferenças de classe, a invisibilidade imposta dos diambistas brasileiros descortinam também as relações de poder e as tensões que surgem a partir delas. Haroche (2013) vai dizer que são essas as principais formas de invisibilidade, “uma ameaçadora e outra protetora, uma indistinta e outra valorizada”.

Tendo em vista que a imagem do que é proibido passa a ser veiculada e legitimada nas internet por diferentes causas, consideramos esse movimento como um dos possíveis sintomas das transformações que a conversão do neoliberalismo produz nas relações humanas e nas subjetividades (DARDOT; LAVAL, 2016), ressaltando a figura do “influenciador canábico” neste cenário. Assim, alguns conceitos em torno da visibilidade se mostram mais impactantes nesse cenário: um deles é o sentido mais senso comum, em que a visibilidade está ligada ao espetáculo, como resultado daquilo que conseguimos quando nossa imagem circula na rede e vinculada às imagens visuais

⁹ Obra publicada em 1951 pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes e reeditada em 1958 pelo Serviço Nacional de Educação Sanitária do Ministério da Saúde do Brasil, cujo objetivo, segundo os autores, é “chamar a atenção dos estudiosos e dos governos para o problema” da maconha. DÓRIA, José Rodrigues da Costa, Maconha: coletânea de trabalhos brasileiros, 2ª ed, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do IBGE, 1958.

que aparecem, aquela que é quantificada e que hoje autentica a existência de pessoas, verdades e acontecimentos (HEINICH, 2021). Outro sentido de visibilidade identificado como efeito é aquele que não se restringe a essa economia das imagens visuais e que, segundo Foucault é anterior aos enunciados (2008). Trata-se da condição de possibilidade para certos objetos aparecerem como temas do saber, objetos de conhecimento e elementos essenciais das dinâmicas do governo de condutas em determinadas épocas.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Nicole & HAROCHE, Claudine. **Tiránias da visibilidade**: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Editora FAP-Unifesp, 2013.
- BIRMAN, Joel. Sou visto, logo existo: a visibilidade em questão. *In*: AUBERT, Nicole & HAROCHE, Claudine. **Tiránias da visibilidade**: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Editora FAP-Unifesp, 2013.
- BRIGHENTI, Andrea Mubi. **Etnografia e pesquisa qualitativa**. Bologna: Società editrice il Mulino, 2008.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- DÓRIA, José Rodrigues da Costa, **Maconha**: coletânea de trabalhos brasileiros, 2. ed. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do IBGE, 1958.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. Genealogia, comunicação e cultura somática. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 163-178, jan./abr. 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- HEINICH, Nathalie. Da visibilidade: excelência e singularidade em regime midiático. Tradução: Diogo Silva Corrêa. **Labemus**. 5 mai. 2021. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2021/05/05/resumo-de-de-la-visibilite-excellence-et-singularite-en-regime-mediatique-por-nathalie-heinich/>. Acesso em: 23 abr. 2024.
- SAAD, Luísa. **Fumo de negro**: a criminalização da maconha no pós-abolição. Salvador: EDUFBA, 2019.
- SIBILIA, Paula. **O show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SIBILIA, Paula. **Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível**. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 17, n. 3 (p. 353-364). Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/c7b5/565b8047ae3dafa21c94d22e011b231c3064.pdf?_ga=2.267406028.392845720.1662999870-837671520.1662999870. Acesso: em 21 mar. 2024.